

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



## LITERATURA PSICOLÓGICA

De como o autor tem legítimas dúvidas de não ter já sido solipede.

Para iniciar este artigo suspendo-me: deverei escrevê-lo com profundidade de investigação ou ligeiramente?

Por uma parte venho preencher uma lacuna que possa existir no estudo do organismo humano e sua cerebração, prescrida em todos os sentidos menos, que eu saiba, no do subtítulo; venho discutir um problema, que é mais um avanço na Psicologia, por entre os anais e tratados científicos que se tem recheado de elementos demonstrativos da evolução dos seres; e, acima de tudo, venho aspirar a ver-me catalogado como notabilidade em direcção à glória.

Por outra parte, porém, considerando que uma ideia nova leva anos a ser aceite e que até lá os que as apresentam nem sempre ficam incólumes, havendo exemplos de contandências, tanto físicas como morais; considerando que não me encontro num meio grande, com centros informativos, como gabinetes de indagação e publicidade, onde vão ecoar extismos citadinos e provincianos, e nos quais pudesse inquirir da soma de casos de conhecimento directo ou indirecto que contribuissem a confirmar ou anular a minha dúvida; considerando que além de eu não ser um cientista, o assunto é susceptível de suggestionar o sorriso, e fazer supor tratar-se de um descriptivo de ironia; considerando enfim que não tenho feitos para mártir, voto esta moção: tratá-lo ligeiramente, limitando-me a pouco mais que divagar.

Deixo ao futuro responder quem teria razão: se os críticos criticando-me, se eu criando um ramo de estudo inédito. Descurá-lo é mesmo, ouso dizer, uma ingratidão: Pois não foi o solpede o companheiro do homem na caça, na guerra, na agricultura, comércio e indústria? E porque o progresso tenha ido prescindindo d'ele será isso motivo para o esquecermos? Bem compreendo que mordamos os lábios ao designar-se-nos por primatas, por lembrança dos nossos visinhos simiescos; mas qual a causa senão uma questão de visinhança em que não gostamos de acotovelar-nos com inferiores a nós? E por maioria de razão compreendo que se me não tome a sério. Se nos recordamos porém que Adão, de que descendemos, significava barro, e que o barro nem sempre é ouro, decerto haverá transcendência para o tema deste artigo.

Barro é o jumentinho a reboque na Moleirinha de Junqueiro, mas barro já removido, de andar ligeiro e gracioso, e de imaginação voltada para as estrelas; barro é o rocante, que Cervantes integrou no D. Quixote, mas barro que corre desenganos, que sucumbe e se resigna com o conquistador de quimeras; barro é o asinino que Gervásio Lobato e D. João da Câmara encenaram no Burro do Sr. Alcaide, mas barro que entra no palco e assiste aos aplausos do público. Portanto não é barro inerte.

— Conhece-te a ti próprio, — era o lema de Sócrates e para isso nada melhor que completarmos a análise de nós mesmos.

Discussão sem provas é discussão inútil. Muitas ou poucas é preciso apresentá-las. E ao entrar nelas reconheço que por onde devo começar é por mim, pelo meu testemunho pessoal. Hesito no entanto: Que se ajuizará a meu respeito e a respeito do que vou confessar? Acalenta-me a ideia de que a ciência é a ciência, que para acima dessas preocupações, d'esses preconceitos. Avante, pois.

Quando eu era rapaz e assistia à passagem das diligências, notava que os animais tractores saboreavam a sôpa de vinho que lhes era servida para os revigorar, e comparava com o prazer que também eu sentia com sôpa de vinho; desde então tem-me sido alimento predilecto o guisado de favas; mesmo não desdenho da sôpa de grão de bico ou do conteúdo da cerveja; e se divirjo num ponto — no fuido alimentício que corresponde para esses seres à nossa base-arrós, presente quasi sempre ás refeições — meditando, nem nisso divirjo, pois quantas vezes aquele não terá sido grato ao meu paladar, servido como conteúdo de prosa ou poesia toda reudilhada, toda ritmica?

Quando rapaz ainda, em que consistia uma das minhas maiores satisfações? Em nos dias de feira montar um dos geriquitos prisioneiros à argola, dar-lhe com uma varinha e repetir-lhe — *é! é! é!*...

Mais tarde, para que me havia de dar a superstição, a mim pouco supersticioso? semi-curva siderotécnica que visse perdida no chão, parava, distar-

ava, levantava-a, escondia-a no bolso e ia metê-la em casa no fundo de uma das malas. Não exagero dizendo que cheguei a colecionar uma meia dúzia...

E no intervalo dessas duas épocas, ainda novo, que me havia de acontecer? Alguma coisa expressiva, não digo de evidência de demonstração, mas capaz de fazer pensar a um psicólogo ou a um evolucionista:

Afirmar que eu tenha sido algum dia um enamorado dos produtos de Noé ou um adorador do deus Baco é afirmar em falso. Apesar disso... quem é que não tem uma descaída? Tive-a também. E em que redondou? Em entusiasmo, em movimento, em passagem da energia estática a dinâmica do centro à periferia orgânica. Era-me preciso dispendê-la. E então como o fiz? Se a minha reminiscência não erra, firmei as mãos num móvel e alternada, rápida e freqüentemente distendi os membros inferiores, insatisfeito por a distensão não ser dupla, simultânea!

Ora como *"in vino veritas"*, ou portuuguesmente *"no vinho a verdade"*, que verdade traduziria essa minha atitude? Um indicador abandonável por isolado ou um elemento conjugável com outros semelhantes? Uma prova de fisiologia influenciada ocasionalmente ou uma prova de acaestralidade?

Eis o meu testemunho pessoal, embora parco. Resta-me recorrer a outros dados.

Que existe em nós a tendência de metafóricamente nos incluímos nos animais é incontestável:

Discorre ou fala um nosso amigo um pouco melhor que o normal? É logo para nós uma *"aguia"*, um *"rosinol"*. Incomoda-nos um nosso inimigo com o seu raciocínio ou no a sua eloquência? Imediatamente o classificamos: — é um *"urso"*, um *"reptil"*. Estamos à espera que nos atedam e recebemos uma resposta abrupta e em surdina que nos faz encolher? Pômo-nos a reflectir com os nossos botões: — que será aquele *"hum... hum..."*? Em vez disso, vemos circunvagando o olhar sobre a turba, alheio à nossa pressa? Quedamo-nos a contemplar esses modos e a repetir concnso: — que belo exemplar de *"abestuz"*!

Já os antigos povoavam de animais as constelações e decerto tinham motivos suficientes.

Mas diga-se o que se disser: embora grande a variabilidade de escolha na escala zoológica, o animal preferido, o animal dilecto é... o solpede:

Tornou-se nos mal parado um empréstimo? Demos passos contraproducentes? Produziu-se-nos um insucesso? Exclamação certa: — *"Fui um..."* E na reticência vai o que avaliamos termos sido, quando não consta que o sub-entendido por si empreste, dê maus passos ou tenha insuccessos.

Contestar-se-á que os meus argumentos se restringem a questões de linguagem sem valor provativo algum. Mas eu ainda estou no princípio. E para desfazer a contestação seguirei com método, se não perfeito, pelo menos orientador. O meu caminho é um caminho lógico e cronológico, indo do individual ao social, da lenda à história, do superficial ao profundo que me seja acessível.

### Aspecto superficial

#### Individual

Na sub-consciência ou consciência de cada um, qual será como que um elemento de instinto, em várias circunstâncias?

E perguntar aos donos de algumas fachadas o motivo porque dependuram nas portas semi-curvas metálicas, e elas replicarão que já foram utilizadas e por o terem sido trazem consigo a felicidade ou evitam o mau olhar; e perguntar aos indivíduos práticos que síntese formam da arte de viver e eles explicarão que é a *"arte de cavalgar"*, se não se quiser ser cavalgado;

E perguntar ainda a estudantes porque apelidam de certa maneira um conhecido teorema de geometria, e eles gracejarão que é por ser *"a ponte dos... felizes"*; e perguntar num jogo doméstico de cartas a causa de tanta alegria ao encontrar cada partida e conhecer-se a que ela advem de outrem ter ficado... com as cartas na mão. E é essa mesma a alegria nossa quando fora do jogo doméstico passamos a terceiros o... contratempo que antes aceitáramos;

## Criticas Pequenas

Quando há dias o escarpate da Porta da Vila nos trouxe à retina o 3.º volume das *Questões de Linguagem*, logo as mãos ávidas se agarraram ao labor de Rodrigo de Sá Noqueira num devorar de delícia consoladora.

Em revistas diversas se havia dispersado o saber e o critério do filólogo eminente.

Com este 3.º volume vemos que até os artigos da sua revista *A Língua Portuguesa* vão em adiando arquivar.

As revistas e sobretudo as revistas várias fazem perder muito merecimento às doutrinas dos Melhores Autores.

Assim juntos, em successivos volumes a consulta é bem fácil e o sabor é mais doce.

No jardim literário da *Tabacaria* apareceu também o *D. João III*, a estreia da *Biblioteca de Revisão Histórica*, dirigida por Alfredo Pimenta.

Boa edição da *Livaria Tavares Martins*.

Os oito capítulos do grosso volume conglobam documentos de variado sabor, aos quais o ilustre Publicista junta a sua crítica e a sua orientação histórica.

A figura do *Rei Piedoso* transformase no vulto de um verdadeiro *Rei-Mecenas*.

Dos trabalhos do Dr. Alfredo Pimenta, que são tantos e tantos, este deve ser um dos que mais lhe satisfariam o coração e a inteligência.

Pena foi que Hercúlo merecesse a nota severa com que foi mimoscado. Pobre Hercúlo!

Das 11 ás 13 e das 14 ás 17 horas.

**JOSÉ PINTO RODRIGUES**  
ADVOGADO  
(no escritório do Ex.º Sr. Dr. António do Amaral).  
Das 11 ás 13 e das 14 ás 17 horas.

quantos cavalinhos de pau estão expostos, para delícia das crianças.

E tudo isto por mera questão de gosto ou preferência? Que o seja: é uma preferência já. E preferência conhecida minha, quando em pequeno tinha medo de *"coisa ruim"*, que andava entre árvores próximas o que se acreditava ser um *"cavalo"*.

Quem se não recorda da *Paródia* do Borlido, do *Sorvete* de Lanhudo? E que caricatura adoptavam, que caricatura tem adoptado as revistas humorísticas para exprimir a paciência popular?

Quem não conhece as *Fábulas* de Fedro? E que ser, entre tantos, encontraram elas melhor para representar a indiferença política, seu o portador de citelas?

E para não desenrolar citações; Investigando da etimologia de *"juogo"*, e indo até *"Ya"*, que se ajuizaria se tempo ácerca dessas letras conjuntas? Significação restrita? Ampliável? E se ampliável, porquê?

Deixando a etimologia, — de que fio zeram em tempos remotos o símbolo do esto político? Não foi de um cavalo alado — *Pégaso* — que enquadram na constelação do mesmo nome?

Posteriormente, a quem era oferecida pelo feliz regresso à pátria o cavalo de pau com que os gregos entravam em Troia? Não era a Minerva?

Mais tarde, que teria feito Calígulo na sua alucinação? Não teria sido dignificar o seu cavalo?

E perto de nós relativamente, qual fora o protesto ácerca de encargos ou imposições? Não fora o de *"albarda, real senhor, albarda"*?

Raciocinando agora: Não seria mais adaptada a poesia ou deusa da ciência uma águia, cujos vãos são altos e largos, que um cavalo por muito que tenha azas? E se este o foi devido à inteligência, não era também inteligente o elefante que a antiguidade conheceu e aproveitou na guerra?

E porque não veio à mente de Calígulo, dos rebeldes a imposições, dos autores das revistas e fábulas, o cordeiro, inofensivo, paciente, imbele, e até vítima de lutos banquetes?

Preferência apenas? Mas então — preferência social.

## Figuras Alfacinhas

### O agiota Cunha

Em Lisboa não há pessoa alguma que não tenha ouvido falar no agiota Cunha, o Cunha da Rua da Prata. Pois o Cunha morreu há dias. Foi a enterrar sem que dos olhos de qualquer pessoa brotasse duas lágrimas de saudade por esse homem que toda a Lisboa conhecia, pelo menos de nome.

Durante alguns dias a conversa obrigatória dos *mentideros*, era a morte do Cunha.

Porque se tornara tão popular esse homem?

O agiota Cunha era o terror de todos os funcionários públicos em apuros, viúvas que a ele recorriam em ocasiões de poucos dinheiros e de outras pessoas que necessitavam de um empréstimo bem caucionado.

Era um cancro desta época o agiota Cunha. Por isso com um cancro morreu.

Nunca ninguém o via na rua. Vivendo no seu covil da rua da Prata, o Cunha não tinha amigos; conhecidos, eram aos milhares que dele se serviam em horas de angústia, na atitude de náufragos agarrando-se à tábua de salvação.

O maior número de conhecidos que o Cunha possuía, existia dentro do quadro do funcionalismo público do ultramar, na situação de reforma.

Pagamento de pré em atraso, e logo o Cunha tinha oportunidade de realizar um bom negócio. Viúva de funcionário em apuros e o Cunha era procurado para o desconto do vencimento, um pequeno adiantamento, que o usurário sobrecarregava com um jurosto de vinte por cento, no acto da transacção.

Dias depois, no ministério respectivo ou competente Montepio, o sr. Cunha reembolsava a importância expendida.

Mas, não era só o Cunha da rua da Prata a realizar transacções desta natureza. Um outro conhecemos que merecerá as honras de uma nova crónica e que a coberto da impunidade vai sacando pelos mais repentes processos de agiotagem os poucos haveres dos que, em ocasião de aperto, o procuram na solicitação de empréstimo.

Mas, com o rendoso negócio de empréstimos bem caucionados, a vida do agiota Cunha prosperava. Prosperava?

Ninguém dava por isso. O velho não modificava os seus hábitos, não enxugava lágrimas sem pingue recompensa, não salvava da ruína sem garantia segura e juros avultados os que recorriam à sua bolsa sempre aberta para o negócio.

Nas suas entranhas um cancro roía incessantemente, mirrando-lhe o corpo, como a avareza e a cobiça lhe haviam mirrado já a alma.

O grande lenitivo para a sua dor física era o prazer moral de extorquir aos necessitados, que a ele recorriam, os avultados juros dos empréstimos que guardava no cofre e pela calada da noite contava e recontava, amontoando as moedas em pilhas iguais, empacotando as notas de banco, ordenadamente, numa paciência de artista que decora um manequim. O seu manequim era o cofre pejado de valores.

Ninguém lhe conhecia uma afeição. Como um amante apaixonado, o Cunha, na solidão do seu escritório, envolto numa meia luz, dava-se ao prazer de contemplar o ouro amontoado à custa de muita miséria que o usurário espalhava por toda a cidade. E, lascivamente, babando-se de gozo, mergulhava os dedos descarnados nos montões de moedas das suas amadas.

E era assim que vivia o Cunha da rua da Prata.

De quando em vez, audacioso laprápio penetrava-lhe no escritório, inventava um empréstimo, obrigava-o a levantar os olhos dos livros onde rabiscava enigmática escrita, e apontando-lhe a pistola intimava-o a entregar-lhe grossa quantia.

Se bisbilhoter repórter estampava na gazeta a notícia do roubo de que o Cunha tinha sido vítima, logo o agiota se desfazia em protestos, negando ter sido vítima de qualquer atentado.

O prazer do ouro cegava o velho agiota que vivia para as moedas amontoadas numa avareza de judeu, numa grande alegria de saber os outros a necessitarem do seu dinheiro. E depois respondia:

— Eu não os chamo a minha casa. Eles é que me procuram; portanto, paguem se querem ser servidos!

E o repugnante usurário ia prosperando à custa de enormes sacrificios

dos desgraçados que a ele se chegavam.

Era um cancro proliferando em Lisboa, muito mais corrosivo do que aquele que lhe minava as entranhas fazendo-os soltar gemidos de dor, logo lenitivados pelo mal que aos outros poderia fazer extorquindo-lhes bons juros a atulhar o ventruco cofre o qual ninguém sabe a quem iria aproveitar.

Morreu, pois, o Cunha da rua da Prata. Tão conhecido em Lisboa como o doce da Teixeira nas romarias do Norte, ou as queijadas de Sintra nos arrabaldes de Lisboa, o agiota, figura sinistra duma cidade moderna protegida pelas leis do país que não prevem estes casos de assalto às algebeiras do próximo, foi a enterrar sem que uma lágrima brotasse de olhos reconhecidos. Se ele só fez mal, como haveria de existir alguém capaz de chorar um criminoso!?

Só podiam lamentar a perda de tão málfico cidadão, os salteadores que buscavam o seu escritório para lugar das suas pilhagens.

Um cancro matou outro cancro. Há males que vêm por bem!

Oliveira Abrantes.

## ANSIEDADE

—O que é a vida?

Emmaranhada Teia  
Pelo desespero De Arachne  
Teçada.

Dia a dia,  
A aranha  
Se consome,  
Trabalhando em porfiada canseira...

Também  
O Homem  
Que,  
A lenda conheça, ou leia,  
Sua vida entretece,  
Compói,  
E de tal maneira,  
Que a objecção não se impugna  
Nem se requer  
Como argumento  
Valioso,  
Forte,  
Vigoroso,  
Mui fácil de compreender.

Logo aproveita ao pensamento  
A lição;  
E,  
Se a vida mais vale «morrer por ter»,  
A consciência,  
O brio  
É a razão  
Acendem em nós,  
Em nós vêm acender,  
A ansiedade prometedora,  
Radiante — glória triunfal —,  
Que,  
Apressada e velozmente,  
Inflama a existência corpórea,  
Sonhadora,  
E, cinza lançada ao vento,  
Nos leva e conduz

Para a vida que em nós se eterniza,  
A sobrevida,  
A vida imaterial!

1936. L. COELHO.

Galeria do REPÓRTER X

Gil Vicente e Maria Parda em Londres no ano de 1931

Foi durante a minha última estadia em Londres...

Uma tarde em que a... noite, mas noite absoluta, incendiada em todos os seus brazidos eléctricos, começara ao meio-dia — deambulava eu pelo Strand, como franco-atirador de impressões, entre Fleet-Street e Trafalgar Square, quando uma brusca séde de... cerveja me desviou da midtidão e da luz e me fez atalhar por uma dessas ruas estreitas, silenciosas, quasi desertas, que costumam marginar, discretamente, todas as grandes,

**Francisco Pinto Rodrigues**  
Advogado  
R. Gravador Molarinho — Guimarães  
TELEFONE 172

luminosas e movimentadas artérias de Londres — e que são como bastidores onde os formigueiros humanos se dispersam ou se refugiam ou se preparam para a *ferie* do desfile em massa...

Só à saída do bar é que notei que estava num bairro de viveiros — mas não as *livrarias apalaçadas* da City nem as *livrarias Grandela* do Strand, e menos ainda as *livrarias ultra-chics* de Piccadilly. Todas aquelas que monopolizavam os roda-pés do bairro, silenciosas e discretas, só excepcionalmente tinham mais de uma porta; algumas nem mostra possuíam, e as outras contentavam-se com uma *vitrine* muito estreita, onde à laia de diadema real em joalharia famosa, exibiam um único livreco, velhíssimo, amarelo, picado da traça, estojado em veludo e sob o duche de luz de uma lâmpada violeta.

Acudiu-me a encomenda de certa obra rara com que o meu ilustre camarada Adelino Mendes me comissionara, e entrei numa daquelas casas. Mas logo ao primeiro olhar o cenário se metamorfoseou. Tapetes preciosos e macios afoavam os meus passos. As altas estantes que forravam as paredes impressionavam como cofres fortes para as últimas *toilettes* de milionários *yankees*. Os donos da casa e caixeiros formavam um elegante elenco de *gentlemen*, de fraque cinzento uns, de fraque debruados à «Eduardo VII» outros, e todos de lapelas floridas, colarinhos à Brulé, *plastrons* «à Jorge V», polainas alva-dias — e mesmo alguns monólucos. Frente a caia um d'elles alinhava-se um «bicha» de clientes — menos *gentlemen*, na aparência, de que os caixeiros da casa. Continuou fardados sirandavam, trazendo e levando alfarrábios que pareciam esfelares-se, de velhos, nas mãos por onde passavam. Encontrava-me, pois, num alfarrabista, num dos muitos do bairro dos alfarrábios.

Que infinito abismo entre estes e os que nós conhecemos, improvisando as suas sórdidas caranguejolas pelas esquinas de Lisboa!

A pesar-da numerosa freguesia que enchia as salas do alfarrabista; a pesar-do entusiasmo das controversias, da lenga-lenga dos caixeiros, apre-goando valores, e do regateio dos clientes, só se ouvia zumbir um murmúrio, como num templo. Mas o mais impressionante do espectáculo eram as notas quantiosas e os cheques que a todos os instantes submergiam na caixa. Quando chegou a minha vez, repeti inutilmente a minha pergunta sem que o *gentleman* que me atenda vencesse o atrito da minha trérvil pronúncia inglesa. Próximo de mim estavam dois indivíduos, um d'elles idoso, de pelica, chapéu alto, e que sem os óculos de aro de tartaruga que acavalara no nariz para examinar um folheto de cordel, recordaria um Chamberlain; e o outro, uma espécie de gnomo de Walter Scott, talvez tão idoso como o companheiro, mas de faces tão lisas, rosadas e femininas que parecia um garoto. Veio o liliputiano, que era poliglota, em meu auxílio e quando soube a minha nacionalidade, exclamou:

«Ah! O senhor é portuguese? Muito prazere!» Voltando-se para o companheiro e confidenciando-lhe em inglês fôsse o que fôsse que o obrigou a observar-me com interesse, arrancou-lhe das mãos o livreco que estava folheando e mostrou-me. Qual não foi o meu pasmo ao reconhecer o «Pranto de Maria Parda» do nosso Gil Vicente, numa edição da época.

«Este senhor — explicou o pigmeu — possui quasi todas as obras de Gil Vicente. Existem em Londres algumas dezenas de estudiosos que se dedicam quasi exclusivamente a esse ilustre português. Formam uma espécie de sociedade de estudos especializados, que se corresponde com outros similares da Alemanha, Itália, França, etc. Eu sou o secretário deste senhor — Mr. Z... (não fixe o nome) e traduzo os textos vicentinos. Mr. Z... é muito rico e à parte a politica só se interessa pelo Gil Vicente. O que ele trabalha e gasta nêste capricho! Olhe, este folheto, atrás do qual anda há mais de dois anos, acaba de lhe custar cento e vinte libras!»

Saf do alfarrabista perguntando quantos portugueses conheceriam a obra do nosso primeiro escritor teatral ou se interessariam por ela como aquele inglês.

Repórter X.

# Homenagem Póstuma a um Vimaranense ilustre -- o Padre Gaspar Roriz

Foi grandiosa, tendo constituído uma verdadeira consagração a que raríssimas vezes se assiste, a Homenagem Póstuma ao saudosíssimo Vimaranense P.<sup>o</sup> Gaspar da Costa Roriz, realizada no último domingo, com a assistência das autoridades locais, representante do Senhor Cardeal Patriarca, pessoas de representação, colectividades, etc., nesta cidade onde nasceu e morreu aquele prestante cidadão e orador distinto que às Letras e ao Progresso da Terra dedicou o melhor da sua inteligência e da sua actividade.

A cidade está, pois, de parabéns e de parabéns está o «Grupo Dramático Vimaranense P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz», e a Associação de Classe dos Empregados do Comércio, promotores da justa homenagem, bem como a Comissão Executiva da mesma, da digna presidência do nosso bom amigo rev.<sup>o</sup> Gaspar Nunes.

## No templo de S. Francisco

A Homenagem teve início, às 10 horas com a missa celebrada por Monsenhor Tórrres Carneiro, de Famalicão, na igreja da V. O. T. de S. Francisco. O templo estava repleto de pessoas de todas as camadas sociais, colégios, escolas, corpo activo dos B. Voluntários, instituições de beneficência, escutas, etc. Na capela-mór viam-se as autoridades locais, representantes de várias corporações civis e religiosas com os seus estandartes, a irmã do homenageado ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Oliveira Roriz, etc., etc.

No côro, sob a regência do Professor sr. Filinto Nina, o Orfeão de Guimarães executou magníficas composições adequadas ao acto.

No final foi cantado o «Libera-me» e Mons. Tórrres Carneiro, ladeado por vários eclesiásticos entoou os respostas junto ao catafalco que se erguia na capela-mór.

Terminada a missa procedeu-se ao descerramento da lápide

## Rua Padre Gaspar Roriz

cerimónia que atingiu, também, extraordinária imponência. No local reuniram-se dezenas de colectividades com os seus estandartes, bandas dos B. V. de Guimarães, dos B. V. de Vizela e das Oficinas de S. José, autoridades e pessoas de representação e muito povo, vindo-se o vasto largo de S. Francisco quasi coalhado de gente.

Constituíram a mesa de honra o representante da Câmara, que tinha a sua direita Monsenhor João Ribeiro, representante do sr. Cardeal Patriarca e à esquerda o sr. administrador do concelho. Viam-se ainda, junto à mesa, a ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Oliveira Roriz, irmã do homenageado, Monsenhor Tórrres Carneiro e José Maria da Silva, Tenente Rebelo da Cruz, Comandante da G. N. R., Comissário da Homenagem, Mesa da V. O. T. de S. Francisco, etc., etc.

O representante da Câmara proferiu algumas palavras, associando-se à homenagem e a ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Oliveira Roriz, procedeu ao descerramento da lápide, acto que foi coroado com salvas de morteiros e uma estrondosa salva de palmas. Os clarins dos Bombeiros tocam a marcha de continência e as bandas executaram o «Hino da Cidade» e sobre a lápide voam muitas pombas.

Faz-se silêncio e Jerónimo d'Almeida, distinto presidente do «Grupo Dramático Vimaranense P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz» lêu um interessante discurso a que brevemente se dará publicidade.

## Romagem ao Cemitério

em que se incorporaram, com os seus estandartes, a Câmara Municipal, Academia Vimaranense, alunos na Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda», Empregados do Comércio, corpo activo dos Bombeiros Voluntários e sua banda de música, Orfeão de Guimarães, Associação Commercial e Industrial, Grupos recreativos Aarutos de D. Afonso Henriques, Berço da Nação, Infalíveis, Pia Associação dos Amigos do Coração de Jesus, Associações dos Bombeiros, Cutileiros, Surdores e Curtidores, Artes Gráficas, Quatro Artes de Construção Civil, Artística, Fúnebre Familiar Operária Vimaranense, Juventude Católica Feminina, Liga dos Combatentes da Grande Guerra, Escutas, Retalhistas de Vinhos e Viveres, Grupo Cénico Mocidade Alegre, Orfeão Luzitano, do Porto, Grupos Excursionistas «Os 12 Talheres», do Porto, Grupo «Luís Martins», da Foz do Douro, Grupo Dramático União do Porto, Associações Têxtis e dos Peniteiros, Oficinas de S. José com a sua banda de música, Banda de música dos Bombeiros Voluntários de Vizela, representantes dos sargentos de Infantaria 8, Vitória Sport Club, Grupo Excursionista «Os Portualenses»,

autoridades civis, militares e eclesiásticas, mesa administrativa da V. O. T. de S. Francisco, comissão promotora da Homenagem, comissão de melhoramentos da Penha, representantes de várias instituições religiosas, colégios, escolas, etc., e, e muito povo, bem como a irmã do homenageado.

O cortejo chegou ao alto da Atouguia, pouco antes das 12 horas, sendo já ali aguardados por algumas dezenas de pessoas. O mausoléu onde repousa o corpo do grande vimaranense, estava artisticamente adornado com muitas flores, mimosas, plantas e lumes em grande profusão.

## No Cemitério

A multidão reuniu-se junto ao Mausoléu que há mais de quatro anos guarda o corpo do Padre Gaspar Roriz. Faz-se silêncio. Há lábios em prece e lágrimas em muitos olhos.

Jerónimo d'Almeida, distinto Poeta, aproxima-se da morada do chorado Vimaranense e lê a poesia intitulada «Os mortos falam» que em outro lugar publicamos.

Depois fala o velho amigo do saudoso morto o sr. Jerónimo Sampaio, que está comovido. Em voz compungida proferiu o discurso que adiante inserimos.

E a Romagem terminou, assim, com as palavras proferidas por um admirador e amigo do Padre Gaspar Roriz. A multidão foi dispersando depois de desfilir, respeitosa e ante o mausoléu que encerra o corpo de um dos maiores, mais sinceros e dedicados Vimaranenses dos nossos dias.

A tarde, pouco antes das 17 horas, realizou-se a

## Sessão Solene

que teve lugar no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento que se achava decorado artisticamente e repleto de pessoas de todas as categorias pessoais entre as quais se viam muitas senhoras da nossa sociedade. Ali estavam, também, todas as colectividades desta cidade, do Porto e de outras localidades que se associaram à homenagem, com os seus estandartes.

Em lugares reservados viam-se, entre outros de que nos foi impossível tomar nota, os srs.: Monsenhor João Ribeiro, Torres Carneiro, de Famalicão e José Maria da Silva, Capitão Mário Cardoso, presidente da S. M. S.; Drs. Eduardo d'Almeida, Adelino Jorge, Cândido Abílio de Almeida Gomes, João Martins de Freitas e Alfredo Peixoto; Administrador do Concelho, P.<sup>o</sup> Gaspar Nunes, Jerónimo Almeida, Jerónimo Sampaio, Amadeu da Costa Carvalho, Presidente da Câmara de Famalicão, P.<sup>o</sup> Gonçalves de Famalicão, Tenente Manuel Jesus Rebelo da Cruz, Comandante da G. N. R., José Luís de Pina, 1.<sup>o</sup> Comandante dos B. V.; José Pinheiro, Maestro Raúl Casimiro, do Porto, Chefe da P. S. P., P.<sup>o</sup> António Teixeira de Carvalho, Padre Comissário da V. O. T. de S. Francisco, João Gomes de Abreu Lima, Ministro da mesma V. O. T., José Carlos Simões d'Almeida e Alberto Vieira Braga, Gastão Mineiro, Filinto de Oliveira e André Martins dos Santos, representantes do Orfeão Luzitano, do Porto, Rodrigo Lopes Pimenta, Dr. Armando Teixeira de Faria, Silvino Alves de Sousa, presidente da Associação Commercial e Industrial, António Laranjeiro dos Reis e Luis Alijó de Lima, representantes da Associação dos Empregados do Comércio, etc., etc.

O Sr. Capitão Mário Cardoso convidou para presidir à sessão o sr. P.<sup>o</sup> Gaspar Nunes, presidente da Comissão Executiva da homenagem, que é secretariado por Monsenhor João Ribeiro, Delegado de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca e Capitão Mário Cardoso, presidente da S. M. S.

O Sr. P.<sup>o</sup> Gaspar Nunes agradece a honra do lugar e convida para o ocupar o representante da Câmara Municipal.

E' dada a palavra ao ilustre advogado e orador primoroso, o sr. dr. Eduardo d'Almeida, que a assistência recebe com uma demorada e estrondosa salva de palmas. S. Ex.<sup>a</sup> pronuncia um brilhante discurso a que o «Noticias de Guimarães» dará publicidade no seu próximo número em virtude de a falta de espaço lho não permitir fazer hoje.

A ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Celeste Nobre Lima recita, com muito mimo, uma primorosa poesia do Padre Roriz dedicada a sua Mãe, que a assistência aplaude e é dada a palavra, em seguida ao sr. dr. Cândido Abílio d'Almeida Gomes, conhecido orador sacro e antigo capelão militar.

Começa o orador por referir-se ao brilhante discurso do sr. dr. Eduardo d'Almeida e diz que nada mais seria preciso acrescentar às suas palavras.

Diz que o Padre Gaspar Roriz como cidadão pugnou sempre e com ardor pelo engrandecimento da sua terra, como crente viveu sempre para a realização do ideal da vida Cristã — o Bem —, e como Artista foi bem aquilo que o sr. dr. Eduardo d'Almeida acabara de descrever com aquela autoridade que todos lhe conhecem.

Apela para a união de todos os Vimaranenses, tomando por norma o exemplo do Padre Roriz e termina o seu discurso numa brilhante oração à Mulher, dizendo que a sua homena-

gem não fica apenas cingida ao homenageado daquele dia mas, também, àquela velhinha que o Padre Gaspar tanto amou e que foi a sua Santa-Mãe.

Uma demorada salva de palmas coroa as suas últimas palavras.

A ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa Nobre recita, primorosamente, uma poesia do Padre Roriz dedicada a seus pais nas bodas de ouro do seu casamento e Jerónimo Sampaio recita também o «Sonho Oriental» que há muitos anos o Saudoso morto escrevera para por ele também ser recitado num Sarau de Caridade.

Salvas de palmas, quentes e demoradas, aplaudem as lindas poesias.

O representante da Câmara levanta-se para encerrar a sessão, mas antes saúda, em nome do município, as pessoas que levaram a efeito aquela homenagem.

## Sarau d'Arte

Realizou-se à noite, no Salão de Festas da Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda» o Sarau em que tomaram parte alguns estimados vimaranenses e que teve uma assistência numerosa e selecta, vendendo-se em lugares reservados as autoridades civis, militares e eclesiásticas e muitas pessoas de representação no nosso meio, bem como a irmã do homenageado.

Pouco passava das 22,30 horas quando se deu início ao Sarau. No palco viam-se todos os estandartes das colectividades que tomaram parte na grandiosa homenagem, as direcções do «Grupo Dramático» e da Associação de Classe dos Empregados do Comércio, as madrinhas do «Grupo Dramático» sr.<sup>as</sup> D. Alice Dias Pereira, D. Virginia Guise e D. Clarisse Ribeiro Carreira, etc.

O sr. dr. Adelino Ribeiro Jorge, recebido com uma demorada salva de palmas pronuncia o discurso de abertura:

Começa por dizer que o Sarau a que se ia dar início era a continuação e o terminus das homenagens póstumas que toda a cidade e concelho de Guimarães prestavam ao grande e inolvidável Vimaranense P.<sup>o</sup> Gaspar da Costa Roriz.

Depois:

«E' preciso muitas vezes, quasi sempre, que o homem desça ao túmulo, no túmulo o seu cadáver se reduz a cinzas e sobre essas cinzas rolem anos e anos, para que se faça d'ele a apreciação justa e devida.

Felizmente para a sua memória e para todos nós, Vimaranenses, não foi preciso que a fria louza passasse por muito tempo sobre o seu cadáver para que todos quantos o conheceram lhe façam inteira justiça e os vindouros lho façam igualmente.

As festas como aquela a que hoje assistimos são acima de tudo um acto de merecida gratidão que fica bem a todos nós, vimaranenses, prestando a um cidadão benemérito que a Guimarães deu o melhor da sua inteligência privilegiada e ao seu serviço dispendeu generosamente energias físicas, com exemplar devoção e máximo desinteresse, guiado sempre pelo elevado objectivo do bem comum.

E continua:

O P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz assinalou-se entre os maiores da última geração de homens ilustres que houve na sua terra.

Afirma que o P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz foi muito mais do que vimaranense extremoso e dedicadíssimo: — foi, sob todos os aspectos porque se considerava a sua vida, uma excepção pessoalidade. A sua inteligência era duma multiplicidade extraordinária.

Assim é que, como orador, como poeta, como dramaturgo, como jornalista, marcou entre os mais que, nestes ramos literários, melhor se distinguiram, um lugar de inconfundível relevo.

Com efeito, ele foi orador de rara vibratidade, de uma eloquência castiça, nos púlpitos onde proferiu sermões notabilíssimos e em todas as partes a sua voz se fez ouvir sempre entusiástica e apaixonada, quando — e tantas vezes isso succedeu! — pleiteava pelos interesses e pelos direitos da sua e nossa tão querida terra.

Refere-se, depois, à sua obra poética de elevada inspiração e à sua notável obra dramática, aludindo aos interessantíssimos Bandos Escolásticos e às peças de carácter social que escreveu para o Teatro.

E acrescenta:

Foi, ainda, o P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz um jornalista vigoroso, deixando nas páginas dos jornais locais e de muitos outros do país admiráveis artigos de doutrina e critica.

Impossível, como veem, meus senhores e minhas senhoras, focar, embora imperfeitamente, essa exemplar figura de sacerdote e de Vimaranense.

Analizando a peça que ia ser levada a efeito:

«Das peças que ele escreveu, foi escolhida, e muito bem, para ser hoje representada neste salão, «O Herói Minhoto». Digo muito bem, porque na conturbada hora que atravessamos, como espectro duma guerra que parece inevitável à nossa frente, não será de mais tudo quanto contribue para lhe apontar os horrores; e na falta do «Herói», o João Alves, esses horrores são descritos com energia e a visibilidade do homem que, por os ter sentido, nem por isso deixou de bater-se denodadamente, gloriosamen-

te, para maior honra e orgulho da Pátria.

Descreve, depois, os personagens do episódio, apreciando-os. Agradece a todas as autoridades e pessoas a comparação àquela sarau e acaba por dizer que a presença de todos é bem demonstrativa da unânime veneração pela memória impercível do grande vimaranense em cujo coração encontraram eco todos os sentimentos nobres e todas as ideias humanitárias.

O laureado académico sr. Rodrigo de Sousa Félix e o secretário da direcção do «Grupo Dramático» recitam alguns versos e são muito aplaudidos.

Em seguida o sr. Teixeira Lopes, nosso conterrâneo e presidente do «Grupo União» do Porto, proferiu algumas palavras e coloca uma fita na Bandeira daquele grupo após o que as madrinhas do Grupo colocam no mesmo estandarte um artístico laço, cerimoniais que a assistência aplaude.

Um grupo de crianças representa o «Concurso» do P.<sup>o</sup> Roriz e, seguidamente, dá-se início à representação do «Herói Minhoto» episódio encantador que a ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Custódia Costa e os srs. José de Sousa Roriz, Luís Filipe Coelho, Avelino Ferreira Meireles, Américo Ferreira e J. Barreira, interpretaram com arte, impeccavelmente, motivo porque todos os assistentes lhe dispensaram no fim de cada acto uma calorosa ovação, chamando-os, depois, ao palco para novamente lhes testemunharem o seu apreço.

A fechar, com chave d'ouro, aquele sarau a justa consagração ao Padre Roriz, o «Orfeão de Guimarães», sob a regência do Professor Filinto Nina, executou o «Hino da Cidade» com letra da autoria do homenageado, depois do sr. Jerónimo Almeida ter agradecido, em breves palavras, a todas as pessoas e colectividades — e todas foram — que se associaram à homenagem Póstuma.

## Notas várias

Foram recebidas muitas cartas, cartões e telegramas de várias colectividades, grupos recreativos e excursionistas do Porto e de outras localidades, associando-se à homenagem a ainda muitas cartas de amigos e admiradores do P.<sup>o</sup> Roriz e de alguns vimaranenses ausentes.

O distinto escritor sr. António de Carvalho Cirne enviou ao sr. Luiz Margalide, que o representava, uma carta da qual extralimos os seguintes períodos:

«Por motivos bem estranhos a minha vontade não me é possível associar-me à homenagem póstuma ao P.<sup>o</sup> Roriz, de quem fui amigo grato e grande admirador.

Bom padre, bom português e bom amigo, ele merece bem as homenagens de quem tem em apreço tão nobres qualidades.

Sinto não poder tomar parte em tão justa manifestação de apreço, mas a ausência do corpo não implica a ausência do espírito e por isso eu estarei presente em espirito.»

O sr. dr. Dias Pinheiro representava o Liceu de Martins Sarmento.

As Jocietas da mocidade Cristã, também tomaram parte, com os seus estandartes, na homenagem.

Abrihantou o Sarau d'Arte a «Orquestra Vimaranense» sob a direcção do nosso amigo sr. António Guise.

## Ex.<sup>ma</sup> Direcção da Homenagem póstuma ao P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz

Senhores:

O meu posto era aí, era aí, bem o sei, neste dia bendito de 12 de Julho.

Mas vejo-me desertor, não só por mingua de saúde, mas porque a morte esvoaçou a dentro do meu velho lar e me levou, nas suas asas negras, um ente que eu muito estremeia.

E vejo-me desertor dessa nossa Terra tam querida, que numa Homenagem póstuma glorifica o Poeta, o Escritor e Orador Sacro, Padre Gaspar Roriz.

Abençoada seja para sempre a nossa Terra, que se não esquece de erguer bem alto, depois de morto, Aquele que muito alto a ergueu enquanto vivo.

Eu bem de perto, muito fraternalmente, com o Padre convivi.

E triste vagabundo da beleza, na minha sina de simples verzejador, olhei sempre deslumbrado, e com respeito, o seu estro fecundo de sonhador e grande Poeta.

Ah! quantas, e quantas coi-

sas mais! eu não diria do nosso querido Morto!

Mas eu sinto, cá dentro, o coração em pulsações desordenadas, sinto lágrimas escaldarem-me as faces, numa dôr pungente de saudade.

Não falta aí, na vossa Homenagem ao grande Poeta e Orador-Sacro, quem o saiba alcandorar à eterna glorificação, a que tem justo direito: — o talento do escritor Dr. Eduardo de Almeida; a voz fluente do Dr. Cândido Abílio de Almeida Gomes; o som harmonioso da lira de Jerónimo de Almeida; o coração irrequieto e ardente de Jerónimo Sampaio; o fio de voz dolente de D. Maria Rosa Nobre; a toada cantante e mágica de D. Maria Celeste Nobre Lima e a Arte de Representar do Grupo Dramático que o seu nome, brilhantemente, encerra.

O meu corpo por esta terra de Gaia se arrastará, mas o meu espírito, na hora da sua glorificação, estará perto de vós e será enlaçado ao espírito do nosso Morto Glorioso.

Deixai-me, senhores, que aqui repita, finalizando esta pobre carta, aquela minha quadra publicada em 1933 no primeiro aniversário da morte do Padre Roriz:

Ele foi Sultão de rimas opulento!

Plebeu — chegou a ser Poeta dos mais nobres.  
Do vil metal foi Job e Crésus de Talento!  
— Deixou seus versos de ouro e a roupa pobre aos pobres!

Vosso do coração,

Delfim de Guimarães.

## Os mortos falam!

A' memória do saudoso Vimaranense Padre Gaspar Roriz.

Annual, não me engano... os Mortos falam!  
Silêncio, escutem: em redor de nós,  
Enquanto os vivos, a cismar, se calam,  
Erguem eles, ao longe, a sua voz...

Eu vejo-os caminhar a leves passos,  
Numa estranha e feliz ressurreição,  
Estendendo até nós os finos braços  
E apartando-nos contra o coração!

E' uma névem de amigos que se acerca,  
Quantos e quantos que olvidado eu tinha!  
E sem que a sombra de nenhum se perca,  
Já mau olhar até os adivinha!

Preguntam-me se ainda os reconheço,  
Se nunca mais me recordara d'elles,  
Enquanto humildemente, ó Deus, vos peço  
Que por todas aquelas almas veles!

Estranha orquestra, todos clamam, juntos,  
Palavras soltas num bradar confuso...  
E eu que julguei mil corações defuntos  
Sinto o seu palpitar louco e profuso!

Há protestos de amor que não se extinguem!  
Há lágrimas gentis que não secaram!  
Almas ansiando que seus gritos vinguem  
Através dos espaços que as separam!

O côro sobe em tangoroso harpejo,  
E penetrando em nós, a pouco e pouco,  
Quebra-se o gão dum fanado baíjo,  
Eco saudoso murmurando rouco!

E eu julgo distinguir entre essas vozes  
Que aos meus ouvidos chegam suspirando,  
Como notas perdendo-se velozes,  
— Uma voz dum acento doce e brando...

Essa voz não me engana... Os Mortos falam!  
E através duma rítmica saudade,  
Enquanto para a ouvir todos se calam,  
Ela murmura o «Hino da Cidade»!...

Jerónimo d'Almeida.

## Discurso proferido, no cemitério, pelo sr. Jerónimo Sampaio

Meus senhores:

Seja-me permitido, ainda uma vez mais, pronunciar algumas palavras à beira deste mausoléu, que, há quatro anos, encerra, para sempre, inerte e sem vida, o corpo que serviu de cofre a uma jóia preciosa,

a alma gentilíssima dum grande vimaranense que muito e muito trabalhou em benefício da sua Terra.

São palavras simples e singelas, entrelaçadas com afectos do meu coração que dolorido pranteia a perda do bom amigo, que foi para mim o Padre Gaspar Roriz.

Não é, porém, dessa amizade, que tantas e tantas vezes relembro amargurado e saudoso, que, de novo volto a este lugar sagrado, onde os ais não se abafam e as lágrimas deslizam espontâneas por aqueles que nos foram queridos e a morte cruelmente arrebatou: filhos... pais... parentes... e amigos...

E' doutro sentimento que o nosso querido Morto possuía no mais elevado grau. Da carinhosa dedicação que, durante a vida inteira, o Padre Gaspar Roriz consagrou sempre à sua Terra natal.

Dedicação profundamente sentida que Guimarães reconheceu, louvou e não mais esquecerá, como bem o demonstra esta romagem que tem as honras duma grande apoteóse! Apoteóse que traduz uma enorme gratidão e uma saudade infinda!

Piedosa homenagem que lhe prestam os seus conterrâneos e aqueles que em nossa Terra vivem, e ainda os que de longe vieram. Todos, num gesto sensibilizante, a compartilhar do nosso profundo sentimento.

Todos, aqui reunidos em homenagem à memória do Padre Gaspar Roriz que tão devotadamente amou a sua Terra, colaborando em tudo que dizia respeito ao seu progresso e engrandecimento: Saraus de caridade... imponentíssimas solenidades religiosas... e festas cívicas que, em tempos idos, tanto realce e brilho tiveram e tão bom nome deram a Guimarães.

Em tudo aparecia sempre a figura simpática do P.<sup>o</sup> Roriz. Alma simples e boa, sempre em auxílio das almas sofredoras. Sempre pronto a acudir a todos os infortúnios, aos sem pão, sem abrigo e sem afectos.

Que o digam, mais uma vez o repito, os velhinhos do Asilo do Campo da Feira... as órfãs de Santa Estefânia... os inocentes da Creche... e os rapaziños das benditas Oficinas de S. José.

Que o digam também as antigas comissões das tradicionais Nicolinas e das velhas Qualterianas; àquelas orientando-as e emprestando-lhes graciosos e delicado engenho... a estas inspirando-lhes a realização da inimitável Milaneza!

Que falem os antigos estudantes, e novos e velhos empregados no Comércio. Que levistem a sua voz todos quantos sabem compreender e sentir.

Bendita homenagem esta! Homenagem que pela terceira vez se repete, o que servirá de lição e de estímulo à gente que há-de vir!

Bendita homenagem esta, sim, e bendita seja quem a promoveu!

São almas a sentir; são corações a vibrar!

São delicadas mãos de piedosas senhoras, cobrindo de flores este mausoléu, onde dorme eterno sono o autor da letra do «Hino da Cidade», cântico divino que milhares de bocas entoam em dias de ventura e de alegria para a nossa Terra!

E' Guimarães afirmando que nunca soube ficar indiferente aos corações que lhe foram dedicados!

E' Guimarães jurando que a memória do Padre Gaspar Roriz terá sempre luminoso e florido altar dentro do seu peito!

E' Guimarães suplicando a

# Da Cidade

**Congresso dos Bombeiros** — A Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães fez-se representar no Congresso dos Bombeiros Portugueses, realizado em Espinho, pelo digno 2.º Comandante e nosso bom amigo sr. António de Sousa Lima e pelo Patrão sr. José Crisóstomo da Silva Bastos.

— Na terça-feira estiveram, nesta cidade, os Comandantes dos B. V. de Almada, que visitaram os nossos Monumentos e a Penha.

**Descarrilamento de um comboio** — Na madrugada de segunda-feira quando o comboio descendente n.º 886, vindo de Fafe, passava em Paçõ-Vieira, descarrilou, parece que por agulha mal feita, resultando tombarem-se 6 carruagens. O pânico foi enorme. Ficaram feridas, sem gravidade, muitas pessoas, algumas das quais recolheram ao Hospital da Misericórdia, desta cidade. Logo que o caso foi conhecido sobram para o local os B. Voluntários sob o comando do digno 2.º Comandante sr. António de Sousa Lima, que prestaram óptimos serviços.

O caso atraiu ao local muitos populares. As carruagens ficaram muito danificadas.

— A direcção dos B. V. de Guimarães recebeu o seguinte officio:

«Ex.ª Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães»

Tendo tomado conhecimento da prontidão com que os carros do pronto socorro dessa Corporação acorreram à estação de Paçõ-Vieira, por ocasião do lamentável acidente que na madrugada de ontem ali se deu, venho, em nome desta Companhia, apresentar os meus agradecimentos a V. Ex.ª e pedir o obséquio de me enviar nota das despesas originadas pelos serviços prestados.

Não quero deixar de agradecer, igualmente, o auxilio prestado ao pessoal desta Companhia, na ocasião em que alguns passageiros, mais exaltados, tomaram uma atitude ameaçadora para com o mesmo.

A Bem da Nação.  
Pôrto, 15 de Julho de 1936.

O Engenheiro Director da Exploração,  
(a) António Amorim de Vasconcelos, Pôrto.

**Notícias religiosas** — Realizou-se na quinta-feira, com toda a imponência, na igreja da V. O. T. do Carmo, a solenidade em honra da Padroeira, em que foi orador o Abade de Tibães, D. António Coelho, que proferiu um brilhante sermão. O templo estava lindamente ornamentado. As solenidades tiveram farta concorrência de fieis.

**Exames** — Transitou da 2.ª para a 3.ª classe do Liceu a menina Crisanta Pereira Machado, sobrinha do nosso prezado amigo sr. António José da Cunha, sargento ajudante de Infantaria 8. Parabéns.

**Sarau orfeónico nos Claustros de St.ª Clara** — Realiza-se no próximo dia 26, nos Claustros do antigo Convento de Santa Clara, actual Liceu de Martins Sarmiento, o Sarau Orfeónico em que tomam parte o Orfeão do Pôrto e o Orfeão de Guimarães e que promete atingir extraordinário brilho, estando por isso a despertar, no nosso meio, o mais vivo interesse.

O programa não é ainda do nosso conhecimento, constando-nos, porém, que na sua elaboração houve todo o cuidado e sobretudo o desejo e a vontade firme de apresentar ao público um espectáculo sensacional que lhe deixo uma impressão agradável e não apenas uma festa que esqueça uma vez que se extinguem os ecos dos últimos cantares.

A Direcção do Orfeão de Guimarães a que dignamente preside o nosso estimado amigo sr. P.ª José Carlos Veloso Simões de Almeida, bem como o digno Director Artístico Prof. sr. Filinto Nina, empregam todos os esforços no sentido de que a Festa do próximo domingo resulte brilhante e memorável.

Oxalá os seus esforços sejam coroados do melhor êxito.

**A Filial Pimenta Machado é hoje a casa que mais sortido tem em casimiras.** (77)

seus filhos que imitem tão prestimoso conterrâneo!

E' Guimarães, ainda, pedindo à alma do saudosíssimo Padre Roriz, que lá no Céu, rogue a Deus proteja sempre a Terra de Sua Mãe Santa Maria, Terra querida e linda, Guimarães de todos nós!

**Exames de admissão ao Liceu** — O horário e distribuição de provas para os exames de admissão ao Liceu são os seguintes:

Julho, 20, 2.ª feira:	Prova de aritmética e geometria . . . . .	às 9 horas
	Prova de desenho . . . . .	» 10,30 »
Julho, 21, 3.ª feira:	Prova de língua portuguesa (ditado e análise) . . . . .	» 9 »
	Prova de língua portuguesa (redacção) . . . . .	» 10,30 »
Julho, 22, 4.ª feira:	Prova de geografia . . . . .	» 9 »
	Prova de história . . . . .	» 10 »

O número total de 85 alunos, entram todos nos mesmos dias e horas acima designados.

**Torneio de tiro aos pratos** — No aprazível local de S. Roque realiza-se hoje, á tarde, um torneio de tiro aos pratos para a disputa de 5 prémios. Consta-nos que é elevado o número de atiradores.

**Feiras Francas de S. Gualter** — A Comissão promotora das Feiras Francas de S. Gualter que se realizam nos três primeiros dias do mês de Agosto, contratou a apreciação da banda do Regimento de I. 8 para realizar dois concertos no Jardim Público, nas noites de 2 e 3, e contratou já, para as sessões de fogo de artifício, os conhecidos pirotécnicos de Lanhas, Ponte da Barca e Taipas.

As ornamentações e iluminações do Largo da República do Brazil e Jardim, foram confiadas ao cenógrafo sr. Rebelo Júnior.

**Caixa Escolar da Escola Industrial e Commercial** — Realizou-se, na quinta-feira, no Salão de Festas da nossa Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda» uma brilhante recita cujo produto reverteu a favor da Caixa Escolar daquele importante estabelecimento de ensino. Fôram levadas à cena a interessante opereta de costumes portugueses, em 1 acto «O amor d'Aldeia», da autoria do distinto professor sr. Filinto Nina e a hilariante comédia «A hospedaria do Tio Anasélio», tendo sido esta representada por antigos alunos da Escola. Houve ainda um acto de variedades em que tomaram parte vários alunos da Escola.

Todos se desempenharam correctamente dos seus papeis, o que deu motivo a conquistarem da parte da numerosa e selecta assistência fartos aplausos.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

**Banda dos B. Voluntários** — Esta apreciada Banda, da hábil regência do nosso prezado amigo sr. Joaquim Guise, acaba de ser contratada para abrihantar as festas da Assunção, a realizarem-se no mês de Agosto, na Póvoa de Varzim.

**Senhora d'Ajuda** — Nos dias 29 e 30 de Agosto vão realizar-se grandes festejos, no lugar de S. Lázaro, em honra de Nossa Senhora d'Ajuda, para o que, segundo nos informam, vão ser contratadas duas reputadas Bandas de música.

**Grupo Recreativo «Os Bem-Dados» da Madre-de-Deus** — Este grupo recreativo realiza no próximo domingo o seu passeio anual de confraternização, com o seguinte itinerário: Guimarães, Pôrto, Oliveira de Azeméis, Albergaria, Agueda, Anadia, Mialhada, Bussaco, Coimbra, Condeixa, Pombal, Leiria, Batalha, Alcobaca, Nazare, Caldas da Rainha, Alcobaca, Batalha, Fátima, Leiria, Figueira da Foz, Mialhada, Anadia, Aveiro, Estarreja, Ovar, Espinho, Pôrto e Guimarães. A partida, ás 6 horas da manhã, será anunciada por salvas de foguetes. O grupo será acompanhado por uma festada regional.

Com um amável officio recebemos do nosso amigo sr. José da Costa Pacheco, presidente do grupo, a quantia de 20000 para os nossos pobres. Agradecemos em nome dos contemplados.

**Assistência Nacional aos Tuberculosos** — Vai a Assistência Nacional aos Tuberculosos do Norte de Portugal realizar as suas festas do dia 25 do corrente a 2 de Agosto com o fim de angariar receita para auxiliar a construção e pôr em funcionamento o Grande Sanatório do Monte Alto, as quais terão um cunho acentuadamente regional, cultural e benéfico.

Entre os números das festas vai realizar-se um desfile de modelos de trajes regionais das Terras do Norte de Portugal — dos Distritos do Pôrto, Viana, Aveiro, Vila Real e Bragança.

**Festas a S. Cristóvão** — Realiza-se nos próximos dias 25 e 26 as festas dos motoristas do Concelho de Guimarães em honra de S. Cris-

tóvão, seu Patrono, as quais constarão do seguinte programa:

**Dia 25** — Bênção da Capela de S. Cristóvão, na Penha. A' noite, jantar de confraternização, na Penha, durante o qual será queimado vistoso fogo de artifício. Concerto no Jardim Público pela Banda dos B. Voluntários.

**Dia 26** — Festividade religiosa com missa cantada e sermão, na Capela de S. Cristóvão, na Penha e, á tarde, naquela Estância, festival com música, apresentação de grupos regionais com um prémio para o que melhor se exhibir, etc.

**António Cerqueira Maciel** — Foi nomeado gerente da Filial do B. N. U. de Gouveia o nosso prezado amigo sr. António Cerqueira Maciel que, como empregado superior da Filial do mesmo Banco nesta cidade, conquistou imensas simpatias mercê das suas excelentes qualidades de actividade e carácter, sendo com água que o vemos afastar-se do nosso meio.

Felicitamo-lo, pois, pela sua nomeação, desejando as maiores prosperidades no desempenho do seu espinhoso cargo e fazemos votos porque dentro em breve regresses, de novo, ao nosso convívio.

**Exames do Conservatório** — Fizeram, há dias, exame do 2.º ano do Conservatório de música do Pôrto, as sr.ªs D. Maria José Leite Machado e D. Maria Carolina Monteiro Dias de Castro, discipulas da distinta professora sr.ª D. Maria Alice Generoso Gomes, do Colégio de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos que, nas óptimas classificações obtidas pelas suas alunas demonstrou, uma vez mais, os seus elevados conhecimentos.

As nossas felicitações.

**Colégio do Coração de Maria** — Neste modelar estabelecimento de ensino realiza-se hoje e amanhã a exposição de trabalhos das alunas, para visita á qual recebemos um amável convite da sua digna directora, o que agradecemos.

**Julgamento em Fafe** — No Tribunal Judicial da Comarca de Fafe realiza-se na próxima quinta-feira, o julgamento de Manoel Gonçalves e Albano de Freitas, acusados do Crime de homicídio frustrado na pessoa do ilustre advogado daquela vila sr. Dr. Parecido de Matos. E' defensor do Arguido Manoel Gonçalves o nosso conterrâneo e querido amigo sr. dr. José Pinto Rodrigues, ilustre advogado Vimaranesense.

**Curso de corte «LUC»**

A secretária dos Srs. Professores Luc Ximenez abriu curso de corte nesta cidade, estando aberta a matrícula no — — — (136)

Largo 1.º de Maio, 53 - Guimarães.

## NOTÍCIAS PESSOAIS

Regressou de Lisboa onde é ilustre professor de um importante estabelecimento de ensino, o nosso bom amigo sr. dr. José Maria de Moura Machado.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Capitão José Guedes Gomes.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim, os nossos bons amigos srs. Dr. Aventino Lopes Leite de Faria e Manuel Mendes de Oliveira.

— No sábado deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. António de Freitas Soares Júnior.

— Também nos deu o prazer da sua visita, no último domingo, o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Leão Martins.

— Esteve nesta cidade a nossa gentil conterrânea ex.ª sr.ª D. Elvira da Silva Correia.

— Deram nos a honra dos seus cumprimentos os srs.ªs, que se faziam acompanhar do nosso prezado amigo sr. André Martins dos Santos, todos os componentes do Orfeão Lusitano do Pôrto, que vieram assistir ás Homenagens Póstumas ao Padre Gaspar Roriz.

— Regressou a esta cidade, tendo assumido o seu lugar na Filial do B. N. U., o nosso prezado amigo sr. Luís Fernandes Azenha.

— Encontra-se nesta cidade, de visita a sua família, o distinto Engenheiro sr. Lopo d'Aguar Viana.

— Partiu para a Póvoa de Varzim o nosso distinto colaborador desportivo sr. António Augusto de Almeida Ferreira.

— Fizou residência nesta cidade, com sua família, o nosso prezado amigo sr. José de Sousa Neves.

— Esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa e filhinha, o nosso prezado amigo sr. José da Mota Freitas, 1.º sargento-cadete de engenharia.

— Acompanhado de sua ex.ª esposa e filho partiu para Monção e Viana

do Castelo, onde vai demorar se algum tempo, o nosso bom amigo sr. Tenente Manuel Jesus Rebelo da Cruz, digno Comandante da G. N. R.

— Com sua família encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo Sr. Manoel Mendes d'Oliveira.

— Tem passado incomodada a esposa do nosso bom amigo sr. José de Souza Roriz, a quem desejamos restabelecimento.

— Deram-nos, no domingo, o prazer da sua visita os srs. Gastão Mineiro e Filinto d'Oliveira, digno Presidente e Secretário do Orfeão Lusitano, do Pôrto, que eram acompanhados pelo nosso prezado amigo sr. André Martins dos Santos.

**Vejam diariamente as exposições de fatos com preços, na Filial Pimenta Machado.**

## DO CONCELHO

S. Martinho do Campo, 15-7-936.

**Gincana de Automóveis**

Promovida pelo Sport Club Campense, florecente agremiação, realiza-se em S. Martinho do Campo, no dia 2 do próximo mês de Agosto, no seu Campo de Jogos das Penedas, uma gincana de automóveis que promete ser muito animada e concorrida.

A Comissão de Iniciativa e Turismo de Santo Tirso, associando se a esta festa, ofereceu uma taça de prata, de elevado valor artístico. As fábricas Industrial do Campo, Flôr do Campo e Ponte de Negrelos, ofereceram também, como 2.º prémio, uma taça de prata denominada «Indústria de S. Martinho do Campo».

O Club organizador, por sua vez, ofereceu a taça «Sport Club Campense». Haverá mais um prémio, um bronze artístico, oferta de um grupo de amigos do Campense.

O sr. Vitorino de Oliveira, grande desportista local, ofereceu uma medalha de ouro para o concorrente do Club melhor classificado.

Por especial deferência do Agente do receptor Philco, será montado no campo de jogos, um alto falante, que deliciará a assistência com boa música. Pelo grande número de inscrições, já feitas, temos a certeza de que o Campense marcará nesta sua primeira festa.

**TABÚ**

Apresenta uma camisa em malha de seda por 35000.

E' UM RECLAME 1936.

AGENTES

CASA DAS GRAVATAS.

## DESPORTO

O «Vitória», deslocando-se à Lixa, vence o aguerrido agrupamento daquela vila por 6 a 3.

(Retardada)

No penúltimo domingo deslocou-se à Lixa, o team de honra do «Vitória», desta cidade, que, defrontando o aguerrido agrupamento daquela ridente vila, conseguiu alcançar para o seu «palmarés» um bom triunfo.

Na 1.ª parte, pela fraca acção da defesa vimaranense, o «Lixa» arrancou um aparente triunfo, tendo de sujeitar-se, logo ao início do 2.º tempo, a um «engarratamento» que lhe dissipou quaisquer ilusões. O «Vitória» assentando na sua característica de «pases curtos» e impondo a sua técnica, obrigou o adversário a recolher-se ao seu terreno — o que tornou possível o aumento do score do grupo vimaranense, terminando o jogo com mais 2 bolas a favor.

A arbitragem do conhecido player portuense, sr. Carlos Nunes, teve deficiências que não se desculpam num jogador «internacional». A marcação do «penalty», por infracção do defensor vimaranense, deve ser considerado um erro gravíssimo, palmar, pois nada justificou que o goal alcançado por Bravo não fosse contado de início.

**FINAL DE ÉPOCA**

Em categoria de Reservas o «Vitória» vence o «Operário Textil» de Braga, por 6 a 0 — Em 1.ª categoria o «Vitória» vence o «Vianense», campeão do Minho, por 8 a 2.

Para fecho de época, a Direcção do «Vitória» organizou um excelente cartaz, apresentando em jogo as 1.ªs categorias e suas Reservas.

Iniciativa feliz, pois o público concorreu fartamente, teve a aureolada das duas brilhantes vitórias, que, mais uma vez, realçaram o valor desportivo dos teams vimaranenses.

O primeiro desafio, Reservas contra o «Operário Textil», teve lances

de grande emotividade, em que o domínio pertenceu inteiramente ao grupo vimaranense. Na primeira parte, marcaram goals os jogadores: João da Costa (28), Bolsas, Vitorino e Maré. No segundo tempo, em que o «Vitória» jogou a maior parte do half time só com 9 homens, Vitorino marcou duas bolas mais a contar, tendo o grupo desenvolvido um jogo de passagens acertadas e eficientes. Lamentamos inteiramente o ocorrido entre os jogadores João da Costa e Maré que, por serem da mesma equippe, tomaram uma atitude que muito os deprimiu, pois deve ser caso singular nos anais do foot-ball o ver-se dois jogadores do mesmo club envolverem-se na desordem em pleno jogo. Bem andou o treinador e árbitro daquela partida em expulsá-los do campo, usando da autoridade que prestigia.

2.º Desafio

Vianense entra em campo, seguido alguns minutos depois pelo «Vitória». O sr. António Neves aceita o comando da partida. Escolhidos os campos, o grupo vimaranense joga contra o sol. São 18,33. Sai o «Vitória» que, após alguns minutos de ensaio de jogo, a uma passagem de Laureta II consegue o seu primeiro ponto com um forte remate de Clemente. Posta a bola no centro e feita a saída do «Vianense», o árbitro interrompe o jogo para impor um minuto de silêncio por alma do Padre Gaspar Roriz. Recomeçado o jogo, com um lançamento de bola ao ar, esta sai pela linha lateral. Corner contra Viana. Avançada do grupo visitante que Jaime alivia. Foul contra o «Vitória». O jogo parece assentar e o grupo vimaranense exerce domínio. Zeferino tem uma recarga que atira o esférico a razar o poste superior da balisa. Remate alto de Clemente. Viana cede terreno. Novo corner marcado ao grupo visitante. A linha dianteira do team vimaranense mostra-se numa tarde de boa inspiração. Laureta II centra com precisão e Clemente numa desmarcação rápida, remata forte a contar o 2.º goal. Sai da «Vianense» que perde imediatamente a bola. Bravo tem uma descaída perigosa que não acusa finalidade por sofrer uma queda á entrada dura do defensor contrário. Os visitantes reagem, e, a uma hesitação de Jaime, Adélio, guarda-redes vimaranense, tem oportunidade de fazer uma linda defesa. Zeferino continua a apoiar-se na direita e a linha dianteira exerce a sua pressão. Viana concede canto que, marcado, nada resulta. Clemente faz aberturas esplêndidas e pode, a nova passagem de Laureta II, shutar forte mas a razar o poste lateral. O domínio do «Vitória» acentua-se cada vez mais. Os vianenses procuram desvencilhar-se d'êste domínio. Tentam duas fugas, e, a uma delas, Faria falha e consente que Adélio se veja batido, contando os visitantes o seu primeiro goal. Posta a bola em jogo, acusa-se um foul ao «Vianense» cada vez mais intenso. Pantaleão e Virgílio não descansam e fornecem jogo aos extremos das suas asas. Bravo cruza o jogo que Laureta II aproveita para marcar a mais linda bola da tarde, rematando enviezado e a bater na esquina do poste. Viana ressentido se do toque e, agora, deixa que o team vimaranense comande a partida, defendendo-se mais com o físico, o que obriga António Neves a marcar-lhe fouls sucessivos. A finalizar, os vianenses teem algumas fugas consentidas pelo lado de Lima, que parece não existir, e a defesa vimaranense tem de sujeitar-se a intervenções exclusivamente suas, algumas delas feitas com acentuada confusão.

2.º Tempo

Sai da «Vianense» que finaliza uma avançada que Adélio defende á vontade. Resposta do team vimaranense com duas avançadas que o guarda-redes do grupo visitante alivia. Foul contra o «Vitória». Avançada dos visitantes que nada resulta. «Vitória» replica, mas sem finalidade. A nossa linha de halves apresenta-se combalida, valendo só Laureta I. Pelo contrário, a linha dianteira do nosso primeiro team continua a jogar lindamente, exercendo por si só o domínio que obriga os visitantes a concentrarem-se no seu terreno. Vergílio marca o 4.º goal com um pontapé de sua lavra. Réplica dos vianenses que origina o seu 2.º ponto, por má orientação dos defesas. Corner contra o «Vitória» por uma passagem precipitada de Jaime a Adélio. Pantaleão conta o 5.º goal. Adélio, a um deslize da defesa vimaranense, tem uma intervenção oportuna mas na qual embate com um avançado do team visitante, saindo magoado. Alberto Augusto, treinador, vai ocupar o pósto do guarda-redes. Corner contra o Viana, que nada resulta. Foul ao «Vitória» por não propostada de Zeferino. Adélio entra de novo para o seu pósto. Fuga dos vianenses pela esquerda que Adélio intercepta. Remate alto de Clemente. Corner contra o «Vianense», que é aliviado fracamente. Domínio do «Vitória». Foul aos vianenses, por carga feita a Bravo. Vergílio remata alto que o guarda-redes mal segura e Pantaleão aproveita para marcar o 6.º goal. Sai da dos visitantes que obrigam Faria a conceder canto. Clemente remata por largo. Pantaleão interna se e marca o 7.º goal. Foul contra o «Vianense». Pantaleão marca o 8.º goal. Foul contra o «Vitória» por carga de Faria. Foul contra o «Via-

nense». Uns pontapés mais e o árbitro põe termo á partida.

Notas à margem

No intervalo foi prestada homenagem ao jogador Vergílio de Freitas, tendo tecido rasgados elogios ao seu amor clubista e desinteresse pelo profissionalismo, os srs. Amadeu da Costa Carvalho, presidente do «Vitória» e dr. José de Matos, presidente do «Vianense» e da Câmara daquela cidade. A direcção do Club fez-lhe entrega de várias dádivas, entre as quais um cheque de 500 escudos oferecido a sua filha. Foi justamente saudado pelas duas equippes e pelo público.

Honra a Vergílio!

## Para meditar

Pode mais o vício... que virtude.  
Pode mais a mentira... que a verdade.  
Pode mais a brincadeira... que o respeito.  
Pode mais o engano... que a franqueza.  
Pode mais a desgraça... que a felicidade.  
Pode mais o conselho... que o pensamento.  
Pode mais a leviandade... que a consciência.  
Pode mais a deshonra... que o bem estar.  
Pode mais o interesse... que a honra.  
Pode mais o amar livre... que o casamento.

Estes dez pensamentos se encerram em dous, que bem a saber: Mais vale a pobreza honrada que o bem-estar com vergonha.

30-6-936.

## AGRADECIMENTO

A viúva e família do saudoso João Correia de Oliveira, vêm, por êste meio, agradecer, na im possibilidade de o fazer individualmente, á firma dos Ex.ªs Bento dos Santos Costa & C.ª, Ld.ª, de Guimarães, e a todas as pessoas que a cumprimentaram e tomaram parte no funeral, a todas testemunhando o seu eterno reconhecimento.

Guimarães, 15-7-936. (146)

**Não comprem fatos sem visitarem a Filial Pimenta Machado.** (87)

## «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»

Iniciamos a cobrança da cidade de mais uma série de 12 números que termina com o próximo número do nosso jornal, e esperamos que os nossos estimados assinantes nos distingam com o costumado bom acolhimento, que muito agradecemos.

**TABÚ**

Apresenta uma camisa em malha de seda por 35000.

E' UM RECLAME 1936.

AGENTES

CASA DAS GRAVATAS

Tipografia Minerva Vimaranesense

Rua de Santo António

GUIMARÃIS

Impressões em todos os géneros

CURIOSIDADES MUNDANAS

Para substituir a fôlha de Flandres

Uma firma de Osaka (Japão) acaba de lançar no mercado um novo preparado com base de nitro-celulose, mas em que a cânfora foi substituída por uma matéria desconhecida, para a tornar inodora. Este produto oferece também a vantagem de não amolecer com o calor, como a celulose. Os ácidos e a humidade não produzem efeito algum sobre essa nova matéria, que o seu inventor, aliás, conseguiu esterilizar sem empregar nenhuns produtos químicos.

Este novo preparado destina-se à embalagem dos frutos, peixes e outros géneros alimentícios e os seus fabricantes presumem que, dentro de alguns anos, terá completamente substituído a lata.

A procura duma cidade

Uma missão científica da Universidade de Oxford tem andado à procura duma grande cidade (Accade ou Agade) que existia 2350 anos antes de Cristo. Por fim encontraram Accade debaixo duma espessa assentada de barro, que se julga formada pelo dilúvio, donde concluíram que o dilúvio deve ter sido uns 3.000 anos antes da nossa era.

Um tesouro num campo

Perto de Melbourne (Austrália) um indivíduo que andava a lavar um campo encontrou debaixo da terra uma pepita de ouro, com o peso de 975 grammas. Meses antes tinha sido descoberta perto do mesmo local uma outra, com o peso de 800 grammas.

Como se vê, é um terreno prodigioso esse que produz pepitas de ouro, como os outros campos produzem trigo

Construção dum Túnel

Um irlandês que representa Belfast no parlamento inglês é o autor dum projecto para unir a Irlanda e a Inglaterra por meio dum túnel submarino. A sua ideia consiste em construir um túnel submarino na parte mais curta do canal que separa a Irlanda da Escócia do Sul numa distância de 15 a 16 milhas. Parece que não se apresentam dificuldades técnicas de solução difícil para a realização deste túnel. Calcula-se que um túnel deste género custará aproximadamente 50 milhões de libras esterlinas.

TABÚ Apresenta uma camisa em malha de seda por 3500. E' UM RECLAME 1936. AGENTES CASA DAS GRAVATAS.

Excursão à Ilha da Madeira

a realizar no mês de Setembro

No próximo mês de Setembro, realiza-se em Lisboa a "X Conferência da União Internacional contra a Tuberculose."

Os médicos de fama mundial que fazem parte d'esse Congresso devem chegar à capital no dia 6, estando marcados para os dias seguintes várias reuniões oficiais e sessões, onde serão discutidos aspectos da luta contra aquela doença.

A 11 seguirão os congressistas para Coimbra, partindo a 12 para o Porto.

Depois de percorrerem essas cidades, seguem a bordo do vapor "Mocambique", que partirá de Lisboa no dia 14, às 14 horas, para a Madeira. Esta nossa linha, considerada como um dos locais de turismo dos mais belos do mundo, dá a sua surpreendente beleza, é ainda dotada dum esplêndido clima para os doentes pulmonares.

Salientamos o facto de poderem ir

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Conventos, capelas, igrejas e Casas de beneficência.

De Santa Clara

Em 1766, um prelado enviou à abadesa um officio em que lhe determinava que não concedesse licatória, nem licença a qualquer religiosa para ir falar à portaria, nas rodas ou crivos, sem primeiro examinar com toda a atenção e vigilância a qualidade das pessoas que desejavam falar com as religiosas e que, concedida a licença julgada necessária, fosse aos licatórios e se certificasse, entrando nêles, se as pessoas eram as mesmas para quem fora concedida a licença e averiguasse mais se nelas haveria perturbação ou divertimentos impróprios do estado religioso. As religiosas — continuava o documento — que servem de porteiros não chamem nem mandem recado a alguma religiosa para vir falar em algum dos ditos lugares, sem darem parte à abadesa, e lhe declararem a qualidade da pessoa que procura a religiosa e que depois a porteira e a abadesa deem parte a elle, das freiras que, sem causa, frequentarem a portaria, sob pena de serem depositas dos officios, de voz activa e passiva, ordenando ao mesmo tempo — o dito prelado — a privação das funções que

exercerem nessa excursão todos os médicos portugueses e suas famílias.

A inscrição, ao preço excepcional de Esc. 800 a 1.300, incluindo a ida e volta e os magníficos passeios à parte Norte e parte Sul da Ilha, a visita à bela região da "Encumada", Igurada por muitos visitantes da Madeira, as recepções e banquetes officiaes, etc. — está desde já aberta na Assistência Nacional aos Tuberculosos, à Av. 24 de Julho, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Esclarece-se que a diferença de preço é motivada apenas pelo alojamento a bordo, tendo todos direito ao mesmo tratamento e regalias.

Visto ser limitado o número de excursionistas, aconselha-se aos interessados que marquem o mais breve possível os seus bilhetes.

Lisboa, 16-7-1936.

O amor à Terra e à Gra — eis o nosso lema.

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na Filial Pimenta Machado.

Informações úteis

Em cumprimento do artigo 19 do Decreto n.º 26.338 de 5 de Fevereiro último, devem os proprietários usufrutuários ou possuidores de prédios urbanos, que continem devolutos, renovar no corrente mês a declaração estabelecida no artigo 2.º do Decreto 20.549 de 25 de Novembro de 1931.

Nos termos do artigo 18.º do Decreto Lei n.º 26.338 de 5 de Fevereiro último, todos os proprietários usufrutuários ou possuidores de qualquer título, de prédios urbanos, são obrigados a entregar durante o corrente mês na Secção de Finanças deste Concelho, uma relação, em duplicado, por cada prédio, com os nomes dos inquilinos e importâncias das rendas anuais pagas por cada um.

Os proprietários usufrutuários ou possuidores, por qualquer título de prédios urbanos que não apresentem a citada relação, incorrem na multa de 2 por cento sobre o valor locativo do prédio, a qual não pode ser inferior a 10000 (\$ 2.º do art.º 18 do Decreto n.º 26.338).

Durante o corrente mês devem os contribuintes da contribuição industrial, com sede da sua indústria ou comércio neste concelho, apresentar na Secção de Finanças declaração conforme os modelos 1 e 2 anexos ao Decreto n.º 24.916 de 10 de Janeiro de 1935 e como d-terminam os artigos 1.º e 9.º do mesmo decreto. No referido prazo devem os contribuintes do Imposto Profissional e entidades referidas no artigo 67 do Decreto 16.731 apresentar as declarações referidas nos artigos 66, 67 e 76 do mesmo Decreto, conforme os modelos anexos ao mesmo.

As declarações são feitas em duplicado, a fim de um dos exemplares ser restituído com recibo, ao apresentante, e a sua falta é punida com multa igual a 10% da contribuição que for devida, não podendo exceder 5.00000.

Os contribuintes que no ano anterior apresentaram as referidas declarações e que não tem alteração em qualquer das suas indicações, não carecem de renová-las.

Nos termos dos artigos 8 e 9 do Decreto 16.731 de 13 de Abril de 1929 e artigo 2.º do Decreto 25.300 de 6 de Maio de 1935, os proprietários de prédios urbanos novos, reconstruídos, modificados ou melhorados que tenham ficado concluídos ou tenham sido considerados habitáveis depois de Fevereiro do ano findo, devem apresentar na Secção de Finanças deste Concelho, durante o corrente mês, uma declaração em duplicado, por cada prédio, em impresso próprio conforme o modelo anexo ao Decreto n.º 16.731, citado.

As assinaturas das declarações escritas a rgo, deverão ser reconhecidas por notário ou pela autoridade administrativa e são isentas de selo, bem como o seu reconhecimento, pelo qual também não são devidos emolumentos.

exercerem em aquélas que falassem dos mirantes ou janelas do convento e proibido rigorosamente que façam accenos. Não obstante todas estas recomendações e rigores disciplinares, deram-se, neste convento, factos algo lamentáveis. Por exemplo, em 1763 foi preso, à ordem do Vigário Geral, o cônego Francisco Peixoto de Sá, que recolheu à cadeia da correição, da vila, depois de ter sido notificado pelo Notário, na igreja da colegiada, em 2 de Novembro, no fim do officio de defuntos e respectiva procissão, para que fizesse termo de não ir mais ao convento de Santa Clara, pelo grande escândalo que disso resultava, visto já estar tirada a devassa pela corregedoria da comarca, e dela procederem culpas grandes contra o mencionado cônego, acrescidas de reincidência, de continuar a falar com as religiosas, a pensar-de avisado. Levado à presença do Vigário Geral, foi detido pelo meirinho eclesiástico, seguindo depois para a cadeia. Porém no caminho fugiu para casa de uma senhora, dona de qualidade, motivo por que o meirinho o não perseguiu. Depois — conta o documento — entrou na cadeia, onde o Vigário Geral foi falar-lhe, confundendo êle a sua culpa e compromettendo-se a não voltar ao convento, nem voltar a falar ás religiosas, sendo então solto.

Não dizem os documentos, que manuseamos, qual o delicto por êle praticado, o que se presume é que foi acto

Pela Câmara

SESSÃO DE 16 DE JULHO:

A C. A. da Câmara resolveu: Municipalizar os serviços do fornecimento de energia eléctrica à cidade e freguesias limítrofes; abrir concurso para o fornecimento de tubos para a condução de água; dar o seu parecer favorável à entrada de vinhos estrangeiros à Região, de uma maneira moderada; encarregar o sr. vereador das obras de tomar as providências necessárias para o fornecimento de algumas enxergas aos presos da cadeia comarcã; conceder o subsídio de 800\$ à casa do Povo de Ronfe para reparação da estrada de Ronfe a Serres, autorizar o pagamento de 5.000\$00 à Comissão das Feiras Francas de S. Gualter; autorizar o pagamento de mais 16.338\$00 à Junta de freguesia de S. Jorge de Selho, por conta da comparticipação da Câmara nas obras de construção da Escola do Pevidém.

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Vilas - Boas e Alvim Com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS:

Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h. Em Braga: Todos os dias úteis. (111) L. Barão S. Martinho, 78.

FALECIMENTOS

Na residência de seus pais, na freguesia de Urgezces, finou-se há dias, confortada com todos os sacramentos da igreja, a sr.ª D. Izaura Garcia Teixeira, filha do sr. Arnelino Teixeira e irmã dos srs. Jacinto, Manuel e José Teixeira.

O seu funeral, que foi largamente concorrido, realizou-se no domingo, ás 11 horas, na Igreja Paroquial de Urgezces. Findos os actos fúnebres foi o cadáver trasladado para o Cemitério da mesma freguesia.

Aos pais e irmãos da extinta apresentamos condolências.

ANÚNCIO

Por sentença deste juízo, de vinte e três de Junho último, que transitou em julgado, proferida nos autos de acção de separação de pessoas e bens, que D. Maria Amélia Veloso Matos Graça, hoje residente na Póvoa de Varzim, moveu contra seu marido José Francisco Arteiro, morador na mesma vila, — foi, a requerimento do réu, convertida em divórcio a separação que havia sido autorizada entre os cônjuges por sentença de 18 de Dezembro de 1930, que transitou em julgado há mais de cinco anos, — o que se anuncia para todos os fins e efeitos legais.

Guimarães, 6 de Julho de 1936.

O Chefe interino da 1.ª Secção, Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

(145)

Jerónimo MARTINS DA ROCHA

Antigo Magistrado ADVOGADO

ESCRITÓRIO: R. Mousinho da Silveira, 310-2.º

Telefone, 6033. RESIDÊNCIA: Rua Duque da Terceira, 117

PORTO

(121)

Quinta do Vaz

Representantes-Revendedores:

Vende-se na freguesia de S. Mamede de Aldão, deste concelho.

Para tratar ou informar na Casa Roberto, Suc.ªes. (143)

Casa Flores Braga A casa que, no seu próprio interesse, V. Ex.ª deve preferir para efectuar as suas compras! Sempre o maior sortido em: Meias, Tecidos de seda, Lã e Algodão para vestidos e casacos, Malhas de tôdas as qualidades, Cintos em todos os modelos, Tecidos e Rendas para roupa interior, Carteiras, Luvas, Cortinados, Lãs em fio, e uma infinidade de artigos difíceis de enumerar, e que devido ao sistema especial das suas compras, só esta casa pode vender por preços verdadeiramente excepcionais! ENVIAM-SE AMOSTRAS, mas pede-se para esclarecer bem os artigos que desejam.

MELHOR CAFÉ DO BRASIL MARCA REGISTRADA A BRASILEIRA Casa especial de café do Brasil e Pastelaria 61, Rua de Sá da Bandeira, 91 Telefones 379 e 405 PORTO Vende-o em Guimarães: Francisco Joaquim de Freitas & Genro Praça D. Afonso Henriques, 70

seu genro, o Juiz de Fora obrigado a ausentar-se para fora da comarca 20 léguas, pelo menos. No livro 260 se lê também que D. Rosa Clara do Nascimento Peixoto, filha de Joaquim Peixoto, natural de Guimarães, foi internada neste convento em Setembro de 1787, depois de casada, com fanga a banhos, na Galiza. Mas contemos. Esta dama deixou-se ilaquear pelas fementidas promessas do seu Adonis e nasceu um filho. Porém o tredo, arrependido talvez do acto cometido, foi para a Galiza e lá se consorciou com ela. Regressando porém a Portugal, os parentes dêle não aceitaram de bom grado tal matrimónio, por o sangue e qualidades dela ser inferiores ás dêle. Ele contrariado conseguiu receber ordens de subdiacono com documentos subreptícios ou falsos, a pesar de ser cadete do exercito português. O Provincial da Ordem de S. Francisco, como a direcção espiritual dêste convento lhe estivesse confiada, recebeu aviso da Mesa do Desembargo do Rio para que ordenasse a ela a entrada para a clausura, o que êle cumpriu, afirmando contudo que não podia ser sustentada pelos rendimentos do convento nem pelos seus próprios, visto o pai ser pobre e doente, mas por quem lhe causara a ruína, pedindo ao provedor da comarca para ludagar os rendimentos do sedutor e de seus pais, arbitrando uma pensão diária módica para a subsistência dela e de uma criada que a servisse, ficando ao pai o direito de o demandar judicialmente ou ao seu successor na direcção da casa, para os alimentos do filho havido nela. Muitos outros factos podíamos apresentar ainda mais graves sobre o assunto, mas a prudência manda-nos occultá-los. Este convento vigorou quasi três séculos e meio e em 1829 comportava 18 freiras. A pesar de contar um rendimento de 1:095\$770 reis, as suas dividas passivas orçavam cerca de 18 contos, (17:630\$400 reis). Passou o seu edificio por várias modificações. O rei D. Sebastião, pouco antes de partir para a desastrosa batalha de Alcácer-Quibir, concedeu a êste convento 300 mil reis annuaes por um alvará, com os quais se procedeu a obras de ampliação no refeitório e na enfermaria e outras. Ainda hoje se nos patenteia uma sólida e elegante construção, cuja frontaria data de 1741. Este convento foi cedido à Câmara Municipal pelo decreto de 1893 para nêle se instalar definitivamente o Seminário-licen que andava funcionando em casas de aluguer, tendo-o nós frequentado quando se encontrava instalado num grande prédio do Largo de S. Tiago. Hoje é licen Martins Sarmento. (Continua). P.ª Alberto Gonçalves.